DEUS HABITA A CIDADE: O ESPAÇO URBANO COMO *LOCUS THEOLOGICUS*

Charles de Araújo Costa[1]

Resumo

A crescente urbanização interpela o método teológico. O objetivo deste artigo é determinar em que sentido o espaço urbano pode ser chamado *locus theologicus* sem ser elevado à condição de fonte da Revelação. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, com método teológico-hermenêutico, analisa-se a tradição dos loci *theologici*, o testemunho bíblico, a teologia urbana e o magistério latino-americano e de Francisco. Os resultados mostram que a cidade é lugar histórico, hermenêutico e epistemológico da fé. Conclui-se que o olhar a partir das periferias oferece o critério decisivo para discernir a presença de Deus na cidade.

Palavras-chave: Teologia urbana. Periferias. Sinais dos tempos. Documento de Aparecida. Papa Francisco.

1 INTRODUÇÃO

Onde a teologia encontra seus princípios, seus testemunhos e seus interlocutores? No século XVI, Melchor Cano respondeu com seus *Loci Theologici*; no século XX, o Concílio Vaticano II recolocou no centro do método teológico a relação entre Revelação, Igreja e história. Hoje, a mesma pergunta ganha um endereço: a cidade. Ela não é apenas o palco onde a vida cristã acontece. Reúne territórios, conflitos, redes e formas de pertencimento, e distribui de modo desigual moradia, mobilidade, trabalho e segurança. Quando a teologia trata a cidade apenas como campo de aplicação de um programa pastoral já pronto, perde exatamente aquilo que ela tem a lhe ensinar.

O problema que orienta este artigo pode ser formulado assim: em que

[1] Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Coordenador Arquidiocesano de Pastoral da Arquidiocese de Olinda e Recife. E-mail: carlorum@hotmail.com

sentido o espaço urbano pode ser chamado *Locus Theologicus* sem ser elevado ao nível das fontes constitutivas da fé? Nossa hipótese é que a cidade pode ser reconhecida como lugar histórico, hermenêutico e epistemológico. Histórico, porque nela a liberdade humana acolhe ou contradiz o desígnio de Deus; hermenêutico, porque suas experiências e conflitos moldam as perguntas com que a comunidade cristã lê a Escritura e a Tradição; epistemológico, porque sujeitos concretos, sobretudo os pobres e as vítimas, tornam visíveis dimensões da realidade que permanecem ocultas a quem a observa de longe.

A pesquisa é bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa e método teológico-hermenêutico. Não pretendemos oferecer uma sociologia da urbanização, mas estabelecer a legitimidade, os limites e os critérios da categoria. O percurso distingue, primeiro, fonte da Revelação e lugar teológico; interroga o testemunho bíblico sobre a cidade; reconstrói a contribuição da teologia urbana; examina Aparecida e o magistério de Francisco; e, por fim, propõe critérios de discernimento e suas consequências para o método e a pastoral.

2 DOS *LOCI THEOLOGICI* AOS LUGARES HERMENÊUTICOS DA FÉ

2.1 De Melchor Cano ao Concílio Vaticano II

A expressão *locus theologicus* recebeu sua formulação metodológica clássica no De *locis theologicis*, obra póstuma de Melchor Cano publicada em 1563. Cano toma da retórica a noção de lugares da argumentação e enumera dez sedes de onde o teólogo extrai argumentos: a Sagrada Escritura, a Tradição Apostólica, a Igreja Católica, os concílios, a Igreja Romana, os Santos Padres, os teólogos escolásticos e canonistas, a razão natural, os filósofos e juristas e a história humana. Os sete primeiros são lugares próprios da teologia; os três últimos, lugares alheios, dos quais ela se serve segundo regras críticas (Cano, 2006, lib. I, cap. 3). A lista não autoriza acrescentar qualquer realidade histórica como fonte equivalente à Escritura, e aplicar hoje a categoria à cidade exige analogia. Não deixa de ser

significativo, porém, que o próprio Cano tenha incluído a história humana entre os lugares teológicos.

O Concílio Vaticano II não elaborou uma nova lista de *loci* (lugares), mas mudou decisivamente o modo de relacionar fé e história. A *Gaudium et Spes* afirma o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, e reconhece que a Igreja aprende com a experiência dos séculos e com o progresso das ciências (Concílio Vaticano II, 1965, n. 4, 44). Entre as transformações modernas, menciona expressamente o crescimento das cidades e a difusão do modo de vida urbano (Concílio Vaticano II, 1965, n. 6). A história não se torna uma revelação paralela; torna-se o espaço em que a Revelação é recebida, interpela e pede discernimento. Metz acrescenta um alerta: essa abertura precisa ser atravessada pela memória do sofrimento, que impede a teologia de se reconciliar depressa demais com uma ordem social que produz vítimas (Metz, 2007, p. 105). Aplicada à cidade, essa exigência desloca o olhar dos grandes projetos urbanos para as vidas atingidas por remoções, violência e invisibilidade.

2.2 O lugar teológico na teologia latino-americana

Foi na América Latina que a categoria recebeu a reformulação mais fecunda para o nosso tema. Ellacuría (1984) sustentou que os pobres constituem um lugar teológico privilegiado, não porque acrescentem conteúdos à Revelação, mas porque, a partir deles, ela se torna mais plenamente acessível e o seguimento de Jesus recupera sua verdade histórica. Sobrino (1994) aprofundou a distinção entre fonte e lugar: as fontes da teologia são a Escritura e a Tradição; o lugar é a realidade a partir da qual essas fontes são lidas. Clodovis Boff (1978), por sua vez, mostrou que pensar a realidade social exige as mediações socioanalítica e hermenêutica, e distinguiu o lugar social do teólogo do lugar epistemológico da teologia, que permanece a fé.

À luz desse percurso, convém distinguir quatro níveis: a Escritura e a Tradição, referências normativas da fé; as instâncias testemunhais e

interpretativas, terreno próprio dos loci de Cano; os lugares hermenêuticos, como acontecimentos, culturas e territórios; e o lugar social do teólogo. A cidade pertence sobretudo aos dois últimos. Não acrescenta conteúdo revelado, mas em sua trama emergem clamores, práticas e esperanças que interrogam a comunidade cristã. Por isso, pode ser dita lugar teológico em sentido histórico, hermenêutico e epistemológico: oferece perguntas à reflexão, recebe da fé critérios de discernimento, e os que sofrem suas contradições possuem uma autoridade cognitiva particular, porque conhecem por dentro mecanismos que permanecem abstratos para quem os observa de fora.

3 A CIDADE NA ESCRITURA: DA AMBIGUIDADE À MORADA DE DEUS

O testemunho bíblico sobre a cidade não é ingênuo. A primeira cidade é fundada por Caim, depois do fratricídio (Gn 4,17); e Babel é o projeto de uma humanidade que quer fazer um nome para si e termina na dispersão (Gn 11,1-9). Os profetas denunciam as cidades edificadas com sangue e injustiça (Mq 3,10; Hab 2,12). A mesma Escritura, contudo, revela um Deus que não abandona a cidade: ele se compadece de Nínive, a grande cidade inimiga (Jn 4,11), e Jeremias pede aos exilados que procurem a paz da cidade para onde foram deportados, porque da paz dela depende a deles (Jr 29,7).

No Novo Testamento, Jesus percorre cidades e aldeias anunciando o Reino (Mt 9,35) e chora sobre Jerusalém, que não reconheceu o que conduzia à paz (Lc 19,41-42). Esse choro talvez seja a imagem mais exata de uma teologia da cidade: nem condenação distante nem adesão acrítica, mas compaixão que sofre com a cidade e denuncia aquilo que a destrói. Em Atenas, Paulo se inquieta com os ídolos, mas não abandona a cidade; dialoga na praça e no Areópago com a cultura do lugar (At 17,16-34).

O ponto de chegada da Bíblia não é o retorno ao jardim, mas a nova Jerusalém, que desce do céu, onde está a tenda de Deus com os homens (Ap 21,2-3). O verbo é o mesmo com que o prólogo de João afirma que o

Verbo armou sua tenda entre nós (Jo 1,14). Nessa cidade não há templo, porque o seu templo é o Senhor e o Cordeiro (Ap 21,22): a presença divina estende-se à cidade inteira. A visão sustenta, ao mesmo tempo, esperança e reserva escatológica, pois não temos aqui cidade permanente (Hb 13,14). Entre Babel e a nova Jerusalém, a cidade histórica vive em tensão, e é nela que se situa a afirmação de que Deus habita a cidade: não como garantia de que tudo nela é bom, mas como promessa e interpelação.

4 A FORMAÇÃO DA TEOLOGIA URBANA

Harvey Cox ocupa lugar importante nessa formação. Em The Secular City, de 1965, interpreta a secularização e a urbanização como processos que exigem uma nova linguagem teológica, descreve a tecnópole pela mobilidade e pelo anonimato e recusa a nostalgia de uma sociedade sacral desaparecida (Cox, 2015). A secularização aparece como fruto da própria fé bíblica, que desdiviniza o mundo e o entrega à responsabilidade humana. O próprio Cox, porém, reconheceu depois que não havia previsto a vitalidade pública da religião e voltou-se para os movimentos religiosos populares e as comunidades eclesiais de base latino-americanas (Cox, 1984). Além disso, o anonimato que liberta uns pode ser a invisibilidade que apaga outros.

José Comblin oferece uma contribuição marcada pela experiência latino-americana e, em boa medida, nordestina. Sua Théologie de la ville, de 1968, tem forte centro antropológico: interessa-lhe compreender como as estruturas urbanas participam da formação da existência humana (Souza, 2014). Comblin lê a Bíblia como itinerário que vai do jardim à nova Jerusalém. A cidade aproxima corpos, multiplica relações e cria condições para a comunhão, mas carrega também idolatrias, injustiças e formas de dominação (Comblin, 1991, p. 36, 52, 82). Essa dialética protege a teologia tanto da celebração ingênua da inovação urbana quanto da condenação nostálgica da cidade, que permanece uma tarefa cuja construção está implicada na história da salvação (Comblin, 1991, p. 127, 148, 165).

A produção recente ampliou o campo, incorporando território, corpo, raça, migração, ecologia e moradia, e passou a valorizar metodologias qualitativas, pesquisa orientada pela ação e reflexividade do pesquisador (Huotari; GrÖnlund, 2024). Consolida-se, assim, a diferença entre uma teologia sobre a cidade e uma teologia a partir da cidade. Stilwell (2005, p. 479-480) propõe partir da experiência refletida de quem trabalha nas margens urbanas, e Passos (2012) descreve um círculo hermenêutico em que a fé interpreta a cidade e a cidade oferece à teologia linguagens e questões novas.

5 APARECIDA E O MAGISTÉRIO DE FRANCISCO: DEUS HABITA A CIDADE

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, reunida em Aparecida em 2007, dedicou à pastoral urbana uma seção própria. As grandes cidades aparecem como laboratórios da cultura contemporânea, e a mentalidade urbana se estende também ao mundo rural (CELAM, 2007, n. 509-510). Cidade e cultura urbana, portanto, não são sinônimos: a cultura urbana chega às pequenas cidades e ao campo pela mobilidade, pelo consumo e pela comunicação. O documento formula, então, a afirmação que inspira este artigo: a fé ensina que Deus vive na cidade, em suas alegrias e esperanças e também em suas dores e sofrimentos (CELAM, 2007, n. 514). Não diz que Deus vive apenas nas igrejas, nem que tudo na cidade é divino; é a fé que reconhece uma presença que habita a festa e o sofrimento, e que descobre Deus até nos sinais de sua ausência (Galli, 2011). Ao reconhecer nos rostos sofredores dos pobres o rosto de Cristo (CELAM, 2007, n. 393), Aparecida dá à opção pelos pobres alcance pastoral e epistemológico, no sentido que Ellacuría e Sobrino deram ao lugar teológico.

A Evangelii Gaudium retoma essa intuição. Francisco pede que a cidade seja contemplada com "um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças" (Francisco, 2013, n. 71). O que em Aparecida era afirmação de fé torna-se uma pedagogia do

olhar. O texto não romantiza a vida urbana: muitos habitantes vivem como "não-cidadãos" (Francisco, 2013, n. 74), e o tráfico, a exploração e a corrupção atravessam as cidades (Francisco, 2013, n. 75). A saída missionária rumo a todas as periferias (Francisco, 2013, n. 20) tem raiz cristológica: a Igreja segue o Filho que armou sua tenda entre nós e se aproximou dos pobres e dos excluídos.

A *Laudato Si'* acrescenta a dimensão ecológica. O crescimento desordenado de muitas cidades produziu ambientes insalubres, poluição e caos urbano (Francisco, 2015, n. 44), e os espaços influenciam a identidade, as relações e o sentimento de pertença (Francisco, 2015, n. 147-155). Na Fratelli Tutti, por sua vez, afirma que "a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade" (Francisco, 2020, n. 87) e propõe o diálogo como caminho entre a indiferença egoísta e o protesto violento (Francisco, 2020, n. 199). A proximidade física não garante o encontro; a cidade torna-se sinal histórico de comunhão quando converte a simples coexistência em participação.

6 CRITÉRIOS E IMPLICAÇÕES DE UMA TEOLOGIA DA CIDADE

Reconhecer a cidade como lugar teológico requer critérios. O primeiro é cristológico: a leitura da realidade se orienta pela prática do Reino e pela proximidade de Jesus com os pequenos. O segundo é bíblico-eclesial: as interpretações permanecem em diálogo com a Escritura, a Tradição e a comunhão da Igreja. O terceiro é pneumatológico: o Espírito atua além das fronteiras visíveis da instituição, mas seus frutos precisam ser discernidos. O quarto é a prioridade das vítimas, cuja memória interrompe as narrativas triunfalistas; nessa linha, Aquino Júnior (2019) vincula a renovação eclesial promovida por Francisco ao compromisso com os pobres e marginalizados. A periferia não se reduz à distância geográfica: designa relações que negam voz, direitos e reconhecimento. O quinto critério é interdisciplinar, pois a mediação socioanalítica não substitui o juízo teológico, mas permite que ele incida sobre realidades verificáveis (Boff, 1978). O sexto é prático: uma

interpretação se avalia por seus frutos. Por fim, exige-se reserva escatológica, já que a Igreja não possui um modelo urbano acabado a impor.

No plano do método, isso implica começar pela escuta do território, com narrativas de moradores, dados, memória dos conflitos e atenção às práticas religiosas cotidianas. O método ver-julgar-agir, consagrado por João XXIII (1961, n. 236), continua fecundo quando não é aplicado mecanicamente, e os moradores das periferias devem aparecer como interlocutores, não apenas como objetos descritos por especialistas. No plano pastoral, trata-se de passar da ocupação de território à construção de presença: paróquias e comunidades como redes de proximidade, articuladas com serviços públicos e movimentos populares, com pequenas comunidades e processos sinodais (CELAM, 2007, n. 514-518). A presença pública da Igreja combina assistência imediata, defesa de direitos e incidência sobre as estruturas; nesses movimentos, a própria pastoral se torna lugar de produção teológica.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso realizado permite afirmar que a cidade pode ser legitimamente compreendida como locus theologicus, desde que o termo seja usado de maneira analógica e metodologicamente explícita. Na tradição de Cano, os lugares teológicos têm autoridade diferenciada; à luz do Vaticano II, a história e os sinais dos tempos entram no processo teológico como realidades a discernir; com a teologia latino-americana, aprendemos a distinguir a fonte da fé do lugar a partir do qual ela é lida. A cidade pertence a esse âmbito: é lugar histórico de liberdade, lugar hermenêutico que suscita perguntas e lugar epistemológico no qual sujeitos concretos tornam visíveis dimensões da realidade.

Entre Babel e a nova Jerusalém, a Escritura apresenta a cidade como lugar ambíguo, mas nunca abandonado por Deus. Cox e Comblin mostraram a necessidade e a densidade de pensar a fé no interior da urbanização; Aparecida e Francisco convidaram a descobrir Deus nas casas,

nas ruas e nas praças, sem calar a segregação, a degradação ambiental e a ruptura dos vínculos. O estatuto teológico da cidade não decorre, portanto, de uma sacralização de suas estruturas, mas da presença de Deus na história e da interpelação que brota da vida dos habitantes. As periferias e as vítimas oferecem o critério decisivo, porque revelam o custo humano da organização urbana.

Talvez a imagem bíblica da tenda resuma o que está em jogo. A tenda não é fortaleza nem palácio: é morada próxima, provisória e exposta ao tempo. Dizer que Deus habita a cidade é dizer que ele arma sua tenda também ali, no meio das contradições urbanas. Quando a Igreja olha a cidade dessa maneira, a missão deixa de ser aplicação exterior de respostas e se torna encontro, discernimento e testemunho do Reino.

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas; Recife: Unicap, 2019.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Clodovis. *Teologia e prática*: teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978.

CANO, Melchor. *De locis theologicis*. Madri: Biblioteca de Autores cristãos, 2006.

CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

COMBLIN, José. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. Vaticano, 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 22 set. 2026.

COX, Harvey. *A cidade secular*: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica. São Paulo: Academia Cristã, 2015.

COX, Harvey. *Religion in the secular city*: toward a postmodern theology. New York: Simon and Schuster, 1984.

ELLACURÍA, Ignacio. Los pobres, "lugar teológico" en América Latina. In: ELLACURÍA, Ignacio. *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*: para anunciarlo y realizarlo en la historia. Santander: Sal Terrae, 1984. p. 153-178.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Vaticano, 24 nov. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 22 jul. 2026.

FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. Vaticano, 24 maio 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 26 jul. 2026.

FRANCISCO. *Carta encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano*, 3 out. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 29 jul. 2026.

GALLI, Carlos María. *Dios vive en la ciudad: hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida*. Buenos Aires: Ágape, 2011.

HUOTARI, Rosa; GRÖNLUND, Henrietta. From below, to inclusion, through transformation: urban theology in the twenty-first century. *Open Theology*, v. 10, n. 1, p. 168-193, 2024. DOI: 10.1515/opth-2024-0002.

METZ, Johann Baptist. *Faith in history and society*: toward a practical fundamental theology. New York: Crossroad, 2007.

PASSOS, João Décio. Teologia e cidade: panorama histórico e interrogações atuais. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 44, n. 123, p. 257-274, maio/ago. 2012. DOI: 10.20911/21768757v44n123p257/2012.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador: I*. A história de Jesus de Nazaré. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOUZA, Alzirinha Rocha de. A teologia da cidade segundo José Comblin. *Revista Eclesiástica Brasileira,* Petrópolis, v. 74, n. 295, p. 564-598, jul./set. 2014. DOI: 10.29386/reb.v74i295.481.

STILWELL, Peter. A cidade como lugar teológico. *Didaskalia*, Lisboa, v. 35, n. 1-2, p. 479-493, 2005.